

Não consigo dissimular de mim mesmo, nem sequer ser senhor da angústia que se apodera de mim neste preciso instante, quando em meu próprio interesse me decido a passar impecavelmente a limpo a rápida cópia que naquela altura eu fora apenas capaz de elaborar na maior das pressas e em grande desassossego. A situação surge à minha frente tão angustiante, mas também tão censurável, quanto dessa vez. Contra seu hábito, ele não havia fechado a secretária, cujo conteúdo ficou assim por inteiro à minha disposição; mas debalde viria eu alindar a minha conduta, recordando a mim mesmo que não abrisse gaveta nenhuma. Uma das gavetas estava puxada para fora. Dentro dela achava-se uma quantidade de papéis soltos e por cima deles encontrava-se um livro de formato in-quarto, requintadamente encadernado. No lado que estava voltado para cima, fora posta uma etiqueta de papel branco na qual ele escrevera pelo seu próprio punho «*commentarius perpetuus* n.º 4». Debalde procurei entretanto ser eu a imaginar que, se aquele lado do livro não estivesse virado para o ar e se aquele notório título não me tivesse tentado, eu nem teria então caído na tentação, ou teria até oferecido resistência. O próprio título era estranho, porém, não tanto em si só, mas antes por aquilo que o rodeava. Fiquei a saber, com uma olhadela de relance a esses papéis soltos, que continham apontamentos de situações eróticas, algumas alusões a uma ou outra relação, esboços de cartas² de uma natureza muito própria, os quais aprendi posteriormente a

2 Vd. *Les Liaisons Dangereuses* (1782) de Pierre Choderlos de Laclos (1741-1803); além de este ser um romance epistolar, também a sedução é levada a cabo como um plano de estratégia militar, o que, a par da ênfase na liberdade da seduzida, aproxima o presente diário da narração da vida de Valmont.

conhecer na sua calculada negligência, inteiramente conduzida do ponto de vista artístico. Ora quando relembro a situação, depois de ter perscrutado o interior, pleno de intrigas, desse homem corrupto, quando agora, de olhos abertos para toda aquela astúcia, como que entro dentro daquela gaveta, e então, causa-me a mesma impressão que terá de causar a um oficial de polícia que entra dentro da sala de um falsificador, abre o seu esconderijo, e descobre dentro de uma gaveta uma quantidade de papéis soltos, de provas tipográficas; numa está um pequeno filete de folhagem, noutra, uma chancela, numa terceira, uma linha escrita às avessas. Coisas que facilmente lhe mostram que está na pista certa, e a alegria sentida mistura-se com uma espécie de admiração pelo estudo, pela aplicação, que inconfundivelmente ali estão. Comigo, teria sido ligeiramente diferente, visto que estou menos habituado a despistar crimes e não estou armado de — uma insígnia de polícia. Teria sentido o duplo peso da verdade pelo facto de pisar caminhos fora-da-lei. Dessa vez, não fiquei menos parco de pensamentos do que de palavras, como é comum acontecer. Fica-se estupefacto com uma impressão, até que a reflexão se solta novamente e, insinuando-se, persuade o ignoto desconhecido com os seus múltiplos e rápidos movimentos. Quanto mais desenvolvida estiver a reflexão, tanto mais rapidamente aprende a recompor-se, tal como acontece com um escriturário de passaportes de viajantes estrangeiros, o qual fica tão familiarizado com as mais fantásticas figuras que não se deixa desconcertar com facilidade. Mas apesar de a minha reflexão se encontrar agora seguramente muitíssimo bem desenvolvida, fiquei todavia no primeiro momento imensamente espantado; recordo muito bem que empalideci, que estive prestes a cair desmaiado, e do medo que daquilo senti. E se ele tivesse chegado a casa, e me tivesse encontrado desfalecido com a gaveta nas mãos — que uma má consciência sirva ao menos para tornar a vida interessante.

Em si e para si, o título do livro não me impressionou; pensei que fosse uma colectânea de excertos, o que me pareceu perfeitamente natural, dado eu saber que ele sempre havia abraçado os estudos com zelo. Continha entretanto coisas completamente diferentes. Tratava-se nem mais nem menos de um diário, escrupulosamente mantido; e como eu, tendo em conta o que até então conhecia acerca dele, não

achasse que a sua vida reclamasse tanto assim um comentário, não nego então, depois de agora lhe ter deitado os olhos, que o título esteja escolhido com muito gosto e muito entendimento, com primazia objectiva e verdadeiramente estética sobre si próprio e sobre a situação. O título está em perfeita harmonia com todo o conteúdo. A sua vida tinha sido um ensaio para concretizar a tarefa de viver poeticamente. Com um órgão finamente desenvolvido para descobrir o interessante³ na vida, soube como encontrá-lo e, depois de o ter encontrado, continuou a reproduzir meio poeticamente aquilo que viveu. Por isso, o seu diário não é rigoroso do ponto de vista histórico, nem simplesmente narrativo, não é indicativo, mas sim conjuntivo. Embora o vivido seja obviamente descrito em conformidade com o que foi vivido, por vezes talvez até bastante tempo depois, porém, é amiúde apresentado como se acontecesse nesse preciso instante, é tão vívido do ponto de vista dramático que por vezes é como se tudo tivesse lugar diante dos nossos olhos. Que ele houvesse de assim ter procedido porque tinha uma qualquer outra intenção para com o diário é altamente improvável; salta à vista que, em sentido mais rigoroso, tivera para ele uma mera significação pessoal; e querer admitir que eu tinha à minha frente uma obra poética, talvez mesmo destinada a ser publicada, tanto o todo como as partes singulares a tal obstavam. Certamente que ele não necessitaria de temer algo contra a sua pessoa se o publicasse, pois que a maioria dos nomes era tão estranha que não havia de todo qualquer probabilidade de terem carácter histórico; apenas se me levantou uma suspeita, a de que o primeiro nome esteja certo do ponto de vista histórico, para que assim ele sempre tivesse a certeza de reconhecer a pessoa real, ao passo que qualquer elemento estranho teria de ser desviado pelo apelido. Assim acontece pelo menos no caso da rapariga que eu conheci, à volta da qual gira o principal interesse, Cordelia; chamava-se com efeito Cordelia, mas ao invés não se chamava Wahl⁴.

3 O uso de «interessante» confere uma dimensão estética à actividade do sedutor e ao efeito sobre a seduzida; vd. adiante nota 40.

4 No nome da seduzida cruzam-se múltiplas ideias da rejeição, através da alusão à filha rejeitada do Rei Lear na tragédia de W. Shakespeare, e da escolha do apelido, que remete para o romance *Wahlverwandtschaften* [*As Afinidades Electivas*] de J. W. Goethe, cujos nomes dos protagonistas, aliás, surgem neste diário: Eduard e Charlotte.

Ora como poderá explicar-se que, não obstante, o diário tenha adquirido uma tonalidade tão poética? A resposta a esta questão não é difícil, explica-se pela natureza poética que nele há, a qual, se quisermos, não é suficientemente rica, ou se quisermos, não é suficientemente pobre, para separar a poesia e a realidade uma da outra. O poético era esse mais que ele próprio trazia consigo. Esse mais era o poético que ele desfrutava na situação poética da realidade, sendo que era novamente por ele recuperado sob a forma de reflexão poética. Era o segundo desfrute, e era para o desfrute que toda a sua vida estava calculada. No primeiro caso, ele desfrutava o estético pessoalmente, no segundo caso desfrutava esteticamente a sua personalidade. No primeiro caso, o ponto central consiste em ele desfrutar de uma maneira pessoal e egoísta aquilo que a realidade parcialmente lhe dera e que ele próprio parcialmente utilizara para fecundar a realidade; no segundo caso, a sua personalidade volatilizava-se, e desfrutava então a situação e a si próprio na situação. No primeiro caso, necessitava continuamente da realidade como ocasião, como momento; no segundo caso, a realidade afogara-se no poético. Assim, o fruto do primeiro estágio é a disposição que esteve na origem do diário como fruto do segundo estágio, e esta palavra toma neste último caso uma significação um tanto diferente da tomada no primeiro. Possui assim o poético sempre através da equívocidade na qual a sua vida se desenrolava.

Atrás do mundo no qual vivemos, bem longe, em segundo plano, fica um outro mundo, que está sensivelmente na mesma relação para com o primeiro, como a que é estabelecida entre o palco que por vezes vemos no teatro atrás do verdadeiro palco e este último. Através de uma fina gaze vemos como que um mundo em flor, mais leve, mais etéreo, de uma outra qualidade que não a real. Muitas pessoas que se mostram corporeamente no mundo real não pertencem originalmente a este, mas sim ao outro. Mas o facto de alguém assim se dissipar, quase desaparecendo mesmo da realidade, pode ter por fundamento razões de saúde ou de doença. Este último caso foi o desse homem que outrora conheci sem o conhecer. Não pertencia à realidade e tinha todavia muito a ver com ela. Circulava a correr continuamente na realidade, mas quanto mais se entregava a essa realidade, tanto mais para além dela ficava. Mas não era o bem que o afastava, e também

não era propriamente o mal, nem sequer me atreveria a dizê-lo neste instante. Tem alguma *exacerbatio cerebri*, para a qual a realidade não possui incitamento suficiente para isso, no máximo, apenas momentaneamente. Não dava tudo por tudo na realidade, não era demasiado fraco para conseguir suportá-la; não, ele era demasiado forte; mas esse vigor era uma doença. Assim que a realidade havia perdido a respectiva significação enquanto incitamento, ficava desarmado e, nele, residia aqui o mal. Estava disso plenamente consciente até no instante do incitamento e nessa consciência residia o mal.

Conheci a rapariga cuja história constitui o conteúdo principal do diário. Se ele seduziu várias, não sei; mas parece que assim foi, tendo em conta os seus papéis. Parece ao mesmo tempo ter sido versado numa outra espécie de prática que inteiramente o caracterizava, visto que, acima de tudo, estava excessivamente determinado do ponto de vista espiritual para ser um sedutor em sentido comum. Vê-se pois pelo seu diário que, por vezes, aquilo que ele desejava ardentemente era algo de completamente arbitrário, uma saudação, por exemplo, e mais não aceitaria, por preço nenhum, porque na pessoa visada era isso o mais belo. Auxiliado pelos seus dotes espirituais, soube tentar uma rapariga, arrastá-la para si, sem se preocupar em possuí-la no mais rigoroso sentido. Posso representar em mim como ele soube levar uma rapariga até ao ponto culminante em que teve a certeza de que ela tudo sacrificaria. Quando o caso chegasse tão longe, romperia então, sem que do seu lado tivesse ocorrido a menor aproximação, sem que tivesse deixado cair uma palavra de amor⁵ e, ainda menos, uma explicação, uma

5 Aqui, «Kjærlighed». Embora com incidências bastante diferenciadas, Kierkegaard recorre a dois termos para designar «amor» — «Elskov» e «Kjærlighed». O primeiro, usado habitualmente no sentido do grego «eros», tem aplicação mais circunscrita do que o segundo, próximo do grego «agape». Porém, na época de Kierkegaard, os respectivos usos eram mais aproximados, com o verbo «at elske», i.e. «amar», a denotar a prática de qualquer um destes tipos de amor. Na relação amorosa, o primeiro sentimento despertado seria o de «Kjærlighed», seguindo-se um sentimento de «Elskov»; contudo, o sentimento que no final une os dois amantes é designado como «Kjærlighed». «Elskov» não é traduzível por «amor erótico», pois, para esse fim, Kierkegaard utiliza o adjectivo e o advérbio «erotisk», ou a forma substantivada, «det Erotiskt». O âmbito do erótico está contido em «attraa», termo aqui traduzido por «desejar ardentemente», para neste diário descrever a volúpia da sedução. Consoante a maior incidência dos termos em cada uma das secções de «Diário do Sedutor», assinalam-se em nota as ocorrências de «Kjærlighed», mais frequentes, e de «Elskov», cuja primeira ocorrência está assinalada na nota 41.